

**Os Intelectuais e a institucionalização da farsa: uma crítica à representação do Poder no Brasil Império a partir da leitura de "O Inspetor Geral" de Nicolai Gógol. (1835-1850)**<sup>1</sup>

**Resumo:**

*A idéia para este trabalho surgiu da empatia e humor provocados pelo texto O inspetor Geral de Nicolai Gógol e imediata conexão com os estudos na pós-graduação da História das Instituições. A vida de burocrata teve muita influência sobre Nicolai Gogol além de funcionário de repartições, foi também professor de História no Instituto Patriótico de Jovens Moças e, em seguida, na Universidade de São Petersburgo (1831 - 1835). A idéia básica de O Inspetor Geral é uma ironia crítica à forma pela qual o governo czarista fiscalizava a cobrança de tributos. Encenada depois de driblar a censura em 1836, a peça conhece um real sucesso em São Petersburgo, aplaudida pelos liberais e atacada pelos reacionários. No texto de Gógol nos deparamos com um simplório personagem, quase um “vagabundo” chapliniano que se aproveita de um Estado burocrático em que as instituições não conseguem atingir organicamente todo o seu território. A partir dessa comédia, o trabalho pretende refletir sobre a participação do intelectual brasileiro na representação do poder institucional do Brasil Império, principalmente na figura de Martins Pena. O objetivo é estabelecer um paralelo crítico entre as incipientes instituições, a atuação dos intelectuais e o personagem central de Gogol.*

*Palavras-chave: Instituições, poder, burocracia e teatro.*

**RÉSUMÉ:**

*L'idée pour ce travail apparaît de l'empatia et de l'humeur provoquées par le texte l'inspecteur Général de Nicolai Gógol et l'immédiate connexion avec les études dans la pós-graduação de l'Histoire des Institutions. La vie de bureaucrate a eu beaucoup d'influence sur Nicolai Gogol outre fonctionnaire de répartitions, a été aussi enseignant d'Histoire dans l'Institut Patriotique de Jeunes femmes et, ensuite, à l'Université de Sain Petersburgo (1831 - 1835). L'idée basique de l'Inspecteur Général est une ironie critique à la forme par laquelle le gouvernement tsariste surveillait le recouvrement d'hommages. Mise en scène après ruisseller la censure en 1836, la pièce connaît un réel succès à Sain Petersburgo, applaudi par les libéraux et attaqué par les réactionnaires. Dans le texte de Gógol dans nous les rencontrons avec un simple personnage, presque un « vagabond » chapliniano qui se profite d'un État bureaucratique où les institutions ne réussissent pas à atteindre organiquement tout leur territoire. À partir de cette comédie, le travail prétend refléter sur la participation de l'intellectuel brésilien dans la représentation du pouvoir institutionnel du Brésil Empire, principalement dans la figure de Martins Pena. L'objectif est établir un parallèle critique entre les naissantes institutions, la performance des intellectuels et le personnage central de Gogol.*

*Mot-clé: Institutions, pouvoir, bureaucratie et théâtre.*

**Introdução:**

*Felix Ventura estuda os jornais (...), folheia-os atentamente e se lhe interessa assinala-o a tinta lilás com uma caneta. (...) recorta-o com cuidado e guarda-o num arquivo. Numa das prateleiras da biblioteca há dezenas desses arquivos. Numa outra dormem centenas de cassetes de vídeo. Felix gosta de*

---

<sup>1</sup> Múcio Medeiros é mestrando em *História das Instituições* pela Unirio, ator, contador de histórias *graduado em História* pela Universidade Gama Filho e Pós-Graduação em *Ensino de História e Ciências Sociais* pela Federal Fluminense (UFF). Professor de História em colégios da rede particular e, já atuou como palestrante convidado na UNIRIO, para alunos de graduação do curso de Pedagogia e, na FACHA (Hélio Alonso) para graduandos do Comunicação Social.

*gravar noticiários, acontecimentos políticos importantes, tudo o que lhe possa ser útil um dia.* (AGUALUSA, 2004; 17).

Não seria necessário buscar a ajuda de *Felix Ventura*, o personagem do romance *O vendedor de Passados* de José Eduardo Agualusa para que o personagem *Khlestakóv*, o suposto “inspetor” da peça de Gógol, construísse um passado digno para o seu “papel”. É este o ofício de *Felix Ventura* construir, como um historiador prático, um passado para aqueles que necessitam dele. Por isso todos aqueles que ansiavam demonstrar um novo *status quo* social para que não se sentissem deslocados, ilegítimos nas suas funções, procurava-o, pois, para essas pessoas sem um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos. Era preciso (...) *Dá-lhes as fotografias dos avôs e bisavôs, cavalheiro de fina estampa, senhores do tempo antigo.* (AGUALUSA, 2004; 17) *Khlestakóv* não possui um passado confiável, é uma fraude maior ainda em função dos padrões do ofício que *usurpa*.

A farsa - denúncia de Gógol sobre a burocracia institucional na Rússia do czar Nicolau I, período dominado por uma política repressiva, de fundo religioso e, violenta reação contra qualquer movimento nacionalista, barrando o avanço do liberalismo e expandindo os privilégios da aristocracia. É neste contexto onde uma “força excessiva”, burocrática e intransponível, que ao delegar poderes representativos, cria situações absurdas. O que Gógol através de *O inspetor Geral* estava querendo mostrar era a fragilidade institucionalizada do *poder burocrata*, responsável pela má administração que o mascaramento da autoridade provoca. Eis a inspiração para esta comunicação - inevitável uma comparação com Martins Pena e as questões análogas de representação das instituições no Brasil do século XIX.

Gógol e Martins Pena estão envolvidos dialeticamente com suas respectivas sociedades e, não seriam outras suas indumentárias senão aquelas próprias do seu tempo e, com as quais transitam pelas sociedades de São Petersburgo e Rio de Janeiro, de modo que a ancoragem da escrita desses autores está instaurada e fixada no *teatro de poder* do seu tempo e nas instituições que o sustenta, mesmo não sendo aquelas escolhidas por eles.

### **Nicolai Gógol e Martins Pena: revelar através do riso.**

Apesar das realidades díspares das sociedades retratadas pelos autores, é, na linguagem poderosa do riso, em ambos, que revela, (...) *de maneira nova o mundo, no*

*seu aspecto mais alegre e mais lúcido* (BAKHTIN, 1999; 81). Se em *O Inspetor Geral*, o riso de Gógol critica a fragilidade das instituições ridicularizando a *investidura* da representação através da aventura de um malandro percorrendo o labirinto do poder. Em Martins Pena de forma análoga, há um questionamento das *investiduras* desses agentes que, entram no espetáculo, são colocados em permanente diálogo com a força da praça, espaço em que co-habitam o *vates*, arauto e orador “qualificado”, mas também os vendedores, mambembes e lavadeiras das fontes públicas, são eles todos dinamizadores da nova língua, livre, que contradiz o espaço oficial das instituições e seus agentes. Usam o humor no intuito de *esclarecer* e parecem acreditar, na forma como apresentam seus discursos, que *o riso, menos do que qualquer outra coisa, jamais poderia ser um instrumento de opressão e embrutecimento do povo*. (BAKHTIN, 1999; 81) A luta dramática se dá na comédia com cores verdadeiras, pois (...) *o riso permite dismantificar a impostura, acabar com a inautenticidade*. Assim, criticavam no teatro, a real situação das instituições e de seus representantes. Enfim, pelo *riso*, ao despojar os representantes da sua *investidura* institucional *podemos perceber o vício em toda a sua perfídia sob as cores mais ridículas*. (ROUBINE, 2003; 75).

“*Mas para que serve uma comédia sem verdade e sem raiva!*” Dizia Gogol, precursor do realismo na literatura russa que, como outros autores do seu tempo, reclamava da censura czarista. Numa carta ao amigo Pogódin, defende o fundamento empírico da realização da literatura dramática, ou seja, no palco. *E para que serve uma peça que não vai ser representada?* – Pergunta Gógol - O autor mostra-se eufórico, mas preocupado ao pressupor uma reação quanto à recepção da obra,

*(...) interrompi bruscamente ao ver minha pena tropeçar sempre diante de passagens que a censura jamais toleraria. (...) só me resta inventar um enredo tão inocente que não possa ofender nem mesmo o chefe do quarteirão*. (GOGOL/CAVALIERE, 2007; 27).

Sobre *O Inspetor Geral*, podemos *a priori* dizer que o enredo relativamente simples serve de contexto para ambos os contextos históricos de Rússia e Brasil. Com a eminente chegada do suposto inspetor geral, que na peça representa a própria instituição do czar contrastando com o provincianismo local. O prefeito, numa tentativa de remediar a situação, promove um “teatro”, ordenando aos seus subordinados da administração, novas posturas frente às repartições públicas que, atendendo aos seus verdadeiros propósitos, deveriam realmente funcionar. O prefeito aconselha:

*(...) prestar mais atenção nas repartições públicas. Lá nas ante-salas, onde (...) ficam os solicitantes, os contínuos criam gansos e seus gansinhos ficam se enfiando entre as nossas pernas sem parar. É natural cuidar de animais domésticos, (...). Só que, você sabe, num lugar desses, não dá... Sempre quis chamar sua atenção para isso; mas, sei lá, me esqueci. (GÓGOL/CAVALIERE, 2007: 22).*

### **O Juiz de Paz na Roça.**

Em *O Juiz de Paz na Roça*, temos o cotidiano de um juiz de paz neste ambiente, explorando uma série de situações em que transbordam a simplicidade e inocência daquelas pessoas. Análogo à cena de Gógol, aqui também vimos o improvisado no funcionamento das instituições. Na peça *O Juiz de Paz na Roça*,

*(...) todas as instituições nacionais estão presentes na peça e são vistas a funcionar através da relação do juiz com os outros lavradores, e destes com as demais instâncias. (ARÊAS, 1994; 88).*

Na comédia, o juiz de paz é um pequeno corrupto que usa a autoridade e inteligência para lidar com a absurda inocência dos roceiros, que lhe trazem os mais cômicos casos. Na cena IX, temos uma idéia da promiscuidade no exercício da nobre função:

*Juiz* – *(Entra um preto com um cacho de bananas e uma carta, que entrega ao juiz. Juiz, lendo a carta:)* (...) *as reformas da Constituição permitem a cada um fazer o que quiser, e mesmo fazer presentes; ora, mandando assim as ditas reformas, V.S. " fará o favor de aceitar as ditas bananas, que diz minha Teresa serem muito boas. "No mais, receba as ordens de quem é seu venerador e tem a honra de ser - Manuel André de Sapiruruca". - Bom, tenho bananas para a sobremesa. (...) O certo é que é bem bom ser juiz de paz cá pela roça. De vez em quando temos nossos presentes de galinhas, bananas, ovos, etc., etc. (PENA, DAMASCENO, 1956).*

Se em *O juiz de Paz na Roça*, Pena quer expor os perigos dos abusos e absurdos da instituição da Justiça exercida numa sociedade descentralizada, onde a interpretação da lei ficaria condicionada àqueles agentes que, deforma precária, representam a instituição da Justiça, em *O Inspetor Geral*, O prefeito se dá conta, como num acesso de lucidez administrativa de que a precariedade do sistema que administra está diretamente relacionada com a postura dos agentes institucionais. Então pondera sobre o juiz assistente:

*(...) ele sem dúvida, é competente, mas tem um cheiro, como se tivesse acabado de sair de uma destilaria (...) Se, de fato, como ele diz, o seu cheiro é inato, (...) Vamos aconselhá-lo a comer cebola, ou alho, ou qualquer coisa que o valha. (GOGOL/CAVALIERE, 2007; 26-27).*

Demonstra muita “compreensão” para com as atitudes dos seus subordinados descrevendo um ambiente diverso daquele que deveria se ocupar dos assuntos públicos,

*(...) não é bom que ponham para secar em sua repartição toda espécie de porcarias e que sobre a papelada se veja um chicote de caça. (...), pelo menos por um tempo, tira-lo dali. E, quando o inspetor for embora, então o senhor pode pôr tudo de novo no lugar. (GOGOL/CAVALIERE, 2007; 26-27).*

Tenta “frear temporariamente” a inoperância das instituições e os “pequenos pecados” dos seus comandados, em nome de um poder institucional que, por força da sua presença, iria suspender as praxes políticas comuns. Como exemplo a proposta ao Chefe dos correios:

*(...) Não seria possível, (...) abrir e dar uma lidinha nas cartas que entram e saem da sua repartição, ver se não se trata de alguma denúncia ou se apenas são correspondências? (GOGOL/CAVALIERE, 2007; 26-27).*

O Chefe dos correios diz que não lhe custa nada dar continuidade a uma tarefa que já era praxe da sua curiosidade profissional. Alias, é a presença da esfera pública através do *inspetor geral* que questionam e determina mudanças eventuais.

Em *O Juiz de Paz na Roça*, na cena XI, percebemos que a promiscuidade está instalada no “suposto tribunal”, aqui o ambiente *roça*, desmerece, o absurdo da descentralização administrativa que Martins Pena tanto criticava, mas reforça do disparate da falta de organização institucional: se as instituições inseridas no conjunto de poder unificado e centralizadas tinham suas distorções, o que dirão isoladas, transformadas em seções de demonstração de um poder mui-particular. Em Martins Pena a crítica está na fragmentação e no subjetivismo institucional, que se dilui entre representantes da aristocracia rural ou burguesa. Gogol apresenta sua crítica invertendo o eixo, ou seja, a força emana do poder burocrático fincado em São Petersburgo.

Tanto *Khlestakóv*, como *Justino de Judas em Sábado de Aleluia*, ou o *Juiz de O Juiz de Paz na Roça* percebem na força da representatividade dos agentes institucionais, o espaço onde podem *negociar* suas vontades, ou sugerir uma igualdade nas relações. E,

ainda, tanto em Gogol como em Pena há um descortinamento crítico das instituições e, assim podemos *compreendê-las*, pois, suas obras refletem uma vivência que ressalta sua:

*(...) materialidade concreta no interior de um momento histórico preciso, o momento histórico da obra enquanto produção, destacando o diálogo estabelecido entre ela e a sociedade. (NEVES, 1979; 37).*

Um pequeno fragmento, saído da boca de um malandro, sugere uma reflexão de como as instituições deveriam tratar aqueles que justificam sua existência. Quando Khlestakóv, o “inspetor” é ciceroneado pelas altas figuras da administração pública, recebendo um tratamento muito digno, embora sua aparência não inspire confiança, num arroubo de emoção diz: *Que belas instituições!*

*(...) Fico contente que os senhores mostrem aos viajantes tudo o que a cidade possui. Não me mostraram nada nas outras cidades. (GOGOL/CAVALIERE, 2007; 27).*

É nessa farsa da representação das instituições, nessa experiência estética no espaço público do palco, que ambos os autores nos oferece um retrato institucional, pois, diante do espelho que oferecem, é inevitável a *catarse*.

#### *Bibliografia*

- AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Griphus, 2004.
- ARÊAS, Vilma: *Martins Pena: um crítico social in* NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate *et alii. O teatro através da História*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil; Entourage Produções Artística. 1994. 2 v. p 88.
- BAKHTIN, Mikhail – *A Cultura Popular na Idade Média: O contexto de François Rabelais*. São Paulo - Brasília: Editora Universidade de Brasília / HUCITEC, 1999.
- CAVALIERE, Arlete. *O inspetor Geral de Gogol/Meyerhold: um espetáculo síntese*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- GÓGOL, Nicolai. *O inspetor Geral* – tradução Arlete Cavaliere – São Paulo: Peixoto Neto, 2007.
- PENA, Martins. *Folhetins: A semana Lírica*: Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro MEC: 1965.
- PENA, Martins. *O Juiz de Paz na Roça*. In: DAMASCENO. Darcy (edição crítica), *Comédias de Martins Pena*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1956.
- ROUBINE, Jean-Jacques, – *Introdução às grandes teorias do Teatro*; Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.